

>> *Temática Especial*

#JuventudesNaRede: (Des)aprendendo gênero e sexualidade nos *currículos-tour* do LDRV

Alcidesio Oliveira da Silva Junior¹

Resumo:

Corpo, autocuidado, política, projetos de vida, gostos musicais... a lista de temas incorporados no cotidiano da internet é imensurável. Cada vez mais os(as) jovens estão se posicionando e ocupando as redes sociais como territórios de visibilidade. Por meio da análise cultural, objetiva-se nesta pesquisa compreender de que forma é posto em operação um currículo-tour, um conjunto não-linear e não-hierárquico de múltiplas (des)aprendizagens que são produzidas em meio às narrativas turísticas e excursionistas dos(as) jovens usuários do New Dimension – Maracujá ERA, divisão do LDRV, famoso grupo do Facebook. Conclui-se que o LDRV opera como uma comunidade de sentidos ao estabelecer a partilha de significados, bem como um currículo-tour, um conjunto de narrativas cujo acontecimento experienciado, seja correspondendo ao “vivido” ou ao “ficcionalizado”, ao ser publicizado nos comentários e publicações do grupo estendem uma rede de afetos potentes na produção de subjetividades de generificadas e sexualizadas.

Palavras-chave:

Estudos Culturais. Juventude. Cultura Digital. LDRV. Narrativas.

#YouthOnTheNet: (Un)learning gender and sexuality in the LDRV's *curriculum-tour*

Abstract: *Body, self-care, politics, life projects, musical tastes ... the list of themes incorporated in the daily life of the internet is immeasurable. More and more young people are positioning themselves and occupying social networks as visibility territories. Through cultural analysis, the aim of this research is to understand how a curriculum-tour is put into operation, a non-linear and non-hierarchical set of multiple unlearnings that are produced in the midst of tourist and excursionists' narratives of young users of New Dimension - Maracujá ERA, division of LDRV, a famous Facebook group. It is concluded that the LDRV operates as a community of meanings by establishing the sharing of meanings, as well as a curriculum-tour, a set of narratives whose experienced event, whether corresponding to the 'lived' or the 'fictionalized', when published in the the group's comments and publications extend a network of powerful affects in the production of subjectifies and sexualized subjectivities.*

Keywords: *Cultural Studies. Youth. Digital Culture. LDRV. Narratives.*

¹ Mestre em Educação, integrante do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação (GPCAE/UFRPE/CNPq). E-mail: ateneu7@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5536-064X>.

#JuventudEnLaRed:(Des) aprendizaje de género y sexualidad en los currículum-tour de LDRV

Resumen: *Cuerpo, autocuidado, política, proyectos de vida, gustos musicales ... la lista de temas incorporados en el día a día de internet es inconmensurable. Cada vez son más los jóvenes que se posicionan y ocupan las redes sociales como territorios de visibilidad. A través del análisis cultural, el objetivo de esta investigación es comprender cómo se pone en funcionamiento un currículum-tour, un conjunto no lineal y no jerárquico de múltiples (des) aprendizajes que se producen en medio de las narrativas turísticas y excursionistas. / jóvenes usuarios de New Dimension – Passion Fruit ERA, división de LDRV, un famoso grupo de Facebook. Se concluye que la LDRV opera como una comunidad de significados al establecer el intercambio de significados, así como un currículum-recorrido, un conjunto de narrativas cuyo hecho vivido, ya sea correspondiente a lo ‘vivido’ o lo ‘ficcionalizado’, cuando se publica en los comentarios y publicaciones del grupo se extiende una red de poderosos afectos en la producción de subjetividades subjetivizadas y sexualizadas.*

Palabras clave: Estudios Culturales. Juventud. Cultura digital. LDRV. Narrativas.

Introdução

Corpo, autocuidado, política, projetos de vida, gostos musicais... a lista de temas incorporados no cotidiano da internet é imensurável. Cada vez mais os(as) jovens estão se posicionando e ocupando as redes sociais como territórios de visibilidade e eclosão para as suas impressões de mundo. Atuando em coexistência com as escolas, universidades, academias de ginástica, boates, praças, igrejas, dentre tantos outros espaços convencionais do nosso cotidiano para a formação identitária, a internet, mediante as suas especificidades de borramento geográfico-temporal, e de colisão/encontro entre culturas tão distintas, emerge em toda a sua potencialidade formativa.

Em pesquisa com 1.440 jovens de 15 a 29 anos de todo o Brasil, 97% declararam acessar alguma rede social, sendo que 80% destes(as) estão habituados(as) a criarem conteúdos nestes mesmos espaços (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2019). São dados que sugerem uma participação frequente na reverberação de opiniões sobre o mundo, de posicionamentos de existência(s) que ganham proporções antes bastante limitadas em seu alcance e/ou democratização. Concordo com Couto (2015, p. 164) ao argumentar que “a condição da vida atual é essa do sujeito cada vez mais conectado, estimulado a falar de si, a narrar intimidades, publicizar alegremente seu eu em constante metamorfose”. Ganham, pois, novos contornos as escritas de si rumo à estilização de novos modos de vida, ou melhor, as “hiperescritas de si” (MADDALENA, 2020) que compõem as narrativas em rede hibridizadas com os signos da linguagem hipermidiática, como *emojis*¹, *hashtags*² e/ou memes³.

A este processo dou o nome de “tecnosubjetivação”, marca de uma sociedade cada vez mais aberta a se (re)(des)construir por meio da maquinaria tecnológica disponível. Cabos, fios, bytes, *pop-ups*, *timelines*, fóruns de discussão on-line, *selfies*, avatares, perfis, aplicativos de paquera, entre tantos outros mecanismos desta extensão humano-máquina, se destacam como uma celebração

1 Segundo Moro (2016), os *emojis* (“e” significando “imagem” e “moji” significando “letra”) são derivações dos *emoticons*, limitados a reproduzirem emoções com caracteres textuais nas conversas on-line. Com os *emojis* as imagens gráficas também passaram a ser utilizadas produzindo novos sentidos.

2 Bastante utilizada no Twitter e Instagram, a *hashtag* (#) tem objetivo de levar o(a) usuário(a) para outras publicações com a mesma temática. Criado originalmente por usuários e usuárias do aplicativo Twitter, “esse símbolo é chamado de marcador e foi adicionado especificamente nos tweets para marcá-los como se estivessem relacionados a um tópico” (SOUSA; SILVA, 2016, p. 24).

3 Termo que faz referência às imagens, gifs e/ou vídeos relacionados a humor e que são compartilhados massivamente na internet pelos(as) usuários(as). Em outras palavras, para Calixto (2019, p. 136), os memes “são unidades e imitações que se reproduzem nas redes sociais em forma de contágio viral”.

pós-moderna da fragmentação identitária, a chance de sermos um-dois-vários em constante metamorfose. Essa profusão de informações ao alcance dos(das) jovens se evidencia na pesquisa mencionada que aponta que mais de 80% desse público conversa por mensagens instantâneas, baixa conteúdos, faz pesquisas em busca de informações no geral e acompanha blogs e canais no YouTube (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2019).

Trago estes dados para reiterar a importância de pesquisas que toquem as culturas juvenis e sua relação com as redes sociais. Marcada por seu tempo, compreendo a juventude não como uma classificação biológica, mas tomo-a como “uma construção social, um fenômeno plural e complexo”, distante de “[...] uma perspectiva essencialista sustentada pelos marcadores etários” (FÉLIX; OLIVEIRA, 2020, p. 85). Uma juventude que se reconfigura por meio dos discursos que a nomeiam, classificam, impõem significados, mas que celebra toda a sua instabilidade diante dos acontecimentos culturais e das marcas de gênero, raça, sexualidade, etnia, religião, dentre outras.

Nesse artigo, volto-me para o “New Dimension – Maracujá ERA”, uma das maiores subdivisões do grupo LDRV, contando com 447 mil membros(as)⁴. Criado em 2013 pelo internauta Ananias Neto, o LDRV (sigla que faz referência à cantora norte-americana Lana Del Rey, alvo de brincadeiras comuns no grupo) ganhou enormes proporções pela movimentação, criação de memes e histórias (as chamadas *fanfics*), dividindo-se para melhor gerenciamento dos(as) seus(as) moderadores(as) em subgrupos ou “eras” ou por motivos de discordância entre os(as) administradores(as). Como um “lugar de aprendizagem” (ELLSWORTH, 2005), o LDRV concentra uma grande maioria de jovens LGBTQI+’s⁵ que por meio de narrativas heterogêneas “revela um novo jogo complexo de relações entre produção e recepção” (GODOI; ROSA, 2019, p. 139), distanciando-se dos dicotômicos lugares de emissão e recepção rumo à materialização de interações e criações mais dinâmicas e expansivas.

Por meio de uma análise cultural inspirada nos aportes teóricos e metodológicos dos Estudos Culturais da Educação e dos Estudos da Comunicação, objetivo compreender de que forma é posto em operação o que chamo de *currículo-tour*, um conjunto não-linear e não-hierárquico de múltiplas (des)aprendizagens que são produzidas em meio às narrativas dos(as) jovens usuários(as) do grupo. Contando suas histórias, estes(as) dão sentido às suas experiências e delineiam suas subjetividades coletivamente. Devido aos limites deste texto, ajusto as minhas lentes para as narrativas que tocam temáticas de gênero e sexualidade que se fazem presentes em publicações do “New Dimension – Maracujá ERA” e busco desenvolver dois argumentos: 1) como um lugar de (des)aprendizagem, o “New Dimension – Maracujá ERA”, evidencia a materialização de uma “Comunidade de Sentidos” (JANOTTI JUNIOR, 2003) no limite de suas fissuras; 2) no *currículo-tour*, gênero e sexualidade são produtos-ficção que se constroem em meio às narrativas dos(as) internautas.

Cultura, juventude e produção de sentidos: LDRV⁶ como um lugar de aprendizagem

Os processos midiáticos que atravessam a juventude na contemporaneidade são a tônica de muitos debates que procuram não apenas a compreensão de suas especificidades, mas também analisar os efeitos interrelacionados entre juventude(s) e tecnologia(s). Pensar o ciberespaço como um *desterritório* ao dar vida às ultrapassagens geográfico-temporais é traçar novas arquiteturas que produzem o “estar/ser jovem” neste século. Aliar as mudanças tecnológicas constantes à

4 O número refere-se à quantidade de membros na data da pesquisa: 1 de fevereiro de 2021.

5 Sigla para lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros(as), *queer*, intersex, entre outras identidades de gênero/sexuais.

6 Resolvo me referir ao “New Dimension – Maracujá ERA” apenas como LDRV pois a citação do grupo em espaços virtuais ou além se dá fundamentalmente desta forma. Uma atitude, talvez, de síntese do nome, visto que a forma dos(as) usuários(as) se relacionarem, guardadas algumas especificidades das regras dos grupos, não se diferenciam bruscamente.

fluidez que marca a juventude se torna um desafio sedutor para aqueles(as) que trabalham em uma perspectiva pós-moderna, cientes da fragmentação identitária diante das grandes transformações sociais, econômicas, políticas e culturais a partir do final do século XX (HALL, 2019).

Ao conceber a cibercultura “como um dos espaços de manifestação do todo cultural contemporâneo” (BRITTO, 2009, p. 172), admito os tensionamentos envoltos nos processos de significação que permeiam a produção das subjetividades juvenis na internet, delineadas em relações de poder, em cadeias discursivas nem sempre harmoniosas. Tal caminho pode ser seguido pelas reflexões de Rossana Reguillo (2003, p. 103) ao argumentar que as culturas juvenis, “caracterizadas por seus sentidos múltiplos e móveis, incorporam, desenham, mesclam, inventam símbolos e emblemas, em contínuo movimento que as torna difíceis de representar em sua ambiguidade”⁷. Estamos diante de uma partilha de sentidos que não se enrijece, mas emerge em toda a sua criatividade.

E se por meio da experiência vamos nos tornando sujeitos, emoldurando sentidos ao que nos acontece, adentrar os planos escorregadios da internet se mostra ferramenta indispensável para a compreensão dos processos midiáticos em nossos tempos. Ainda segundo a autora mexicana, “a rede e seus intrincados e rizomáticos labirintos são um espaço privilegiado para analisar a configuração de ‘mundos’ juvenis onde é possível apreender duas questões chave: a agência e a subjetividade” (REGUILLO, 2012, p. 142-143). Ampliar, pois, a reflexão educacional em tempos de proliferação pós-massiva das tecnologias de comunicação é necessário para o acompanhamento dos (des)caminhos da juventude, daí a importância dos Estudos Culturais como campo teórico-metodológico interdisciplinar e híbrido para abordar as heterogeneidades do contemporâneo:

Porém, nunca é demais reafirmar, em linhas gerais, as contribuições desse novo campo que, sumariamente, localizam-se no cunho amplo e político que a noção de cultura assumiu, repercutindo na importância da análise histórica local de fenômenos socioculturais, no estudo das diferenças culturais das mais variadas ordens (étnicas, sexuais, entre outras) e na importância que as conquistas tecnológicas assumiram na contemporaneidade. (ESCOSTEGUY, 2011, p. 82).

Ao argumentar o “New Dimension – Maracujá ERA”, subgrupo da franquia LDRV no Facebook, como um lugar de aprendizagem, na direção de Elizabeth Ellsworth (2005), destaco a força dos artefatos culturais na produção identitária, nos jogos de significação que permeiam os fazeres e dizeres sobre o ser/estar jovem. Segundo Viviane Camozzato (2017, p. 09), a aprendizagem é um “[...] processo que nos faz ou incorporar algo que nos era externo, ou repensar/reacomodar algo interno [...] alterações nos nossos modos de perceber a vida e seus processos, nós em relação aos demais, etc.”. Partindo dessa reflexão, percebo múltiplas formas partilhadas em meio à juventude que se reúne no LDRV: gírias, memes, expressões particulares do/no grupo, publicações em busca de conselhos, narrativas de experiências, compartilhamento de fotos para edição dos(as) outros(as) usuários(as), entre outras *tours*, expressão bastante utilizada no LDRV e que são as

publicações de membros que contam algum tipo de história. Essa narrativa, constituída na maioria das vezes por experiências vividas por aqueles sujeitos, tenta compartilhar com os outros membros do grupo algum tipo de curiosidade. (GODOI; ROSA, 2019, p. 143).

Para Reguillo (2003, p. 105-106), “o vestuário, a música e certos objetos emblemáticos constituem hoje uma das mais importantes mediações para a construção identitária dos jovens [...] um modo de entender o mundo e um mundo para cada necessidade”. Assim, a tensão-identificação-diferenciação (REGUILLO, 2003) em espaços midiáticos emerge como uma experiência definidora, ainda que de forma provisória, das identidades juvenis na contemporaneidade. Fazer

7 Todas as citações em outras línguas foram traduzidas pelo autor da pesquisa.

parte do LDRV é compor com outros corpos certos modos e formas de olhar o mundo e o(a) outro(a), gerenciando significados que são negociados em meio às relações sociais. Daí a potência de pensarmos o grupo como parte desses lugares de aprendizagens, estas

dobradiças pedagógicas sobre as quais as realidades externas se voltam e se estendem aos nossos sentidos internos de realidade [...] aqueles espaços de diferença entre o eu e o outro que internalizamos e tornamos necessário para nossos sentidos pessoais. (ELLSWORTH, 2005, p. 51).

A Figura 1, que apresenta a descrição do “New Dimension – Maracujá Era”, deixa alguns elementos importantes para a entrada e permanência no grupo: proibição do preconceito e dos insultos e nada de exagero militante. Percebo que, ao se contrapor ao grupo ‘original’⁸, esta subdivisão busca atenuar as brigas políticas pós-eleições de 2018 que ocuparam com destaque às publicações, gerando desconforto entre os(as) membros(as) do grupo.

Figura 1 – Descrição do New Dimension – Maracujá ERA

Sobre

NEW DIMENSION - MARACUJA ERA
Um grupo para diversão!
Proibido preconceito, militância desnecessária e insultar os membros



Privado

Somente membros podem ver quem está no grupo e o que publicam.



Visível

Qualquer pessoa pode encontrar o grupo



Grupo Geral

Fonte: Print do Facebook (2021).

Neste caminho, posso argumentar o LDRV como uma “Comunidade de Sentidos” (JANOTTI JUNIOR, 2003), visto que existe uma partilha de significados no grupo que fornece uma certa identidade que vai além dos limites geográficos impostos pelas relações sociais não mediatizadas pela internet, sendo, portanto, uma ferramenta teórica importante para lançarmos os olhos para os movimentos contemporâneos no seio da juventude e que perpassam os processos midiáticos de caráter local e global, já que há uma hibridação entre os elementos que rompem com a rigidez identitária. Assim,

As comunidades de sentido são determinadas agregações de indivíduos que partilham interesses comuns, vivenciam determinados valores, gostos e afetos, privilegiam determinadas práticas de consumo, enfim, manifestam-se obedecendo a determinadas produções de sentido em espaços desterritorializados, através de processos midiáticos que se utilizam de referências globais da cultura atual. (JANOTTI JUNIOR, 2003, s.p.).

Reitero as palavras de Ana Carolina Escosteguy (2011, p. 89) quando diz que é “[...] essencial não perder de vista a localização e historicidade do objeto de estudo, mesmo porque esta faz parte da própria proposta dos estudos culturais”. A provisoriedade e fragmentação identitária, marcas da sociedade pós-moderna ou, como sustenta Stuart Hall (2019), da “modernidade tardia”, ganham

⁸ As aspas simples nos termos foram escolhidas para sugerirem a rasura do termo, questionando o seu efeito de plenitude.

corpo nas desterritorializações promovidas pela internet, alterando significativamente as relações sociais em seus limites. Prova disso são as inúmeras notícias veiculadas em portais dedicados às fofocas dos(as) famosos(as) que são pinceladas de dentro das narrativas do grupo, sinalizando para a envergadura e o alcance destas ferramentas midiáticas na construção da realidade e na influência no comportamento das pessoas (TOMAZ, 2018).

Algumas outras regras do LDRV também apontam para a produção de práticas culturais reiteradas e que delineiam as formas dos(as) jovens se relacionarem naquele espaço: “Não poste nada sobre tragédias, suicídio, abusos e gatilhos”; “Não pregue qualquer religião (e não critique qualquer outra”; “Não incentive contra a saúde física de outros membros”; “Não use de forma física, gênero, raça, orientação, idade, naturalidade ou religião para ofender alguém”, entre outras. Nesse mundo utópico do LDRV, a prevalência é por um ambiente apenas regado ao bom humor e alegria, na tentativa de eliminar quaisquer arestas que possam causar atritos entre os(as) membros(as), mesmo que para isso seja levantada uma bandeira de neutralidade política, à custa da marginalização oficial de certos temas que fazem sentido à grande maioria dos(as) participantes do grupo: jovens mulheres e LGBTQI+’s. Mesmo assim, no *currículo-tour* do LDRV, as narrativas que emergem nas publicações causam fissuras nas regras oficiais, evidenciando que as práticas cotidianas no LDRV borram os limites impostos, visto que a partilha de sentidos e experiências entre os(as) usuários(as) produzem também os discursos naquele território. Não é uma questão apenas de passividade, mas de coparticipação na produção e negociação de significados, como ilustra a Figura 2.

Figura 2 – Publicação crítica a Bolsonaro e Donald Trump.



Fonte: Print do Facebook (2021).

Segundo Janotti Junior (2003, s.p.), “o primeiro critério considerado para a constituição de uma Comunidade de Sentidos é o compartilhamento de determinados valores, gostos e afetos que ressaltam o ‘ideal comunitário’”. Dando exemplo das próprias comunidades virtuais, como o objeto de estudo em questão, o autor argumenta que “se não se partilha o território físico, continua-se a partilhar imagens, vestuários, posicionamentos corporais, valorações presentes nos objetos culturais que fundam esses territórios simbólicos”, segundo Janotti Junior (2003, s.p.), “possibilitando, aos membros das comunidades, reconhecerem-se dentro desse território, independente das fronteiras geográficas tradicionais”. Se no início do grupo, o foco era a cantora Lana Del Rey, hoje as discussões empreendidas ganham uma tonalidade humorística/satírica de acontecimentos cotidianos dos(as) próprios(as) usuários(as), além de notícias das personalidades do momento. Tudo isto atravessado por marcadores estéticos deste subgrupo, onde “[...] é possível

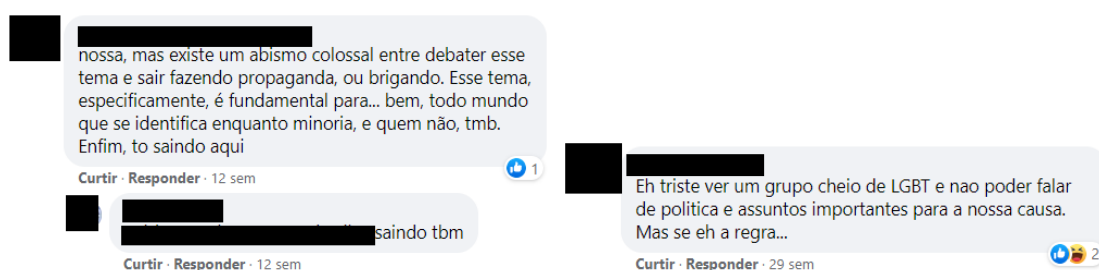
notar o acionamento de modos muito particulares de conversação e interação. O uso das expressões e modos de significação próprios, [que] são sintomas de um imaginário coletivo que é construído dia após dia” (GODOI; ROSA, 2019, p. 141).

Compreendo que há uma “vontade de pedagogia” (CAMOZZATO; COSTA, 2013) posta em circulação nos artefatos culturais, uma vontade de governar, de produzir determinados tipos de sujeitos. Estendendo-se nas mais diferentes redes discursivas, entre estas aquelas presentes nas redes sociais, entendo que como um conjunto de representações do mundo, não em descrição, mas na sua própria produção, um “currículo cultural”, pois, se manifesta em toda a sua força, regulando dizeres/fazer e olhares sobre o mundo. São reflexões que dialogam com Marlécio Maknamara (2020, p. 60) ao dizer que “os diferentes artefatos acionados pela cultura da mídia constituem textos curriculares, textos que precisam ser analisados em suas capacidades de governar e produzir sujeitos” e com Silva Junior (2020) ao refletir sobre imagens, performances e comentários do YouTube como currículos. Assim,

Diversificados espaços e artefatos culturais estão hoje implicados tanto nas formas como as pessoas pensam e agem sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca como nas escolas que fazem e nas maneiras como organizam as suas vidas. Nas complexas sociedades do mundo globalizado, pedagogias são praticadas também por jornais, programas de TV, peças publicitárias, filmes, revistas, sites e inúmeros outros artefatos que atravessam a vida contemporânea [...] a pedagogia não é, então, privativa das práticas escolares, religiosas e familiares. (COSTA; ANDRADE, 2015, p. 845).

Diante das regras impostas pelos(as) administradores(as) do grupo, vemos as fissuras causadas pela quebra das normas, muitas vezes de forma sutil. Uma rebeldia que compõe a heterogeneidade daqueles(as) jovens reunidos(as). Ao desenvolver o termo “Comunidades de Sentidos”, Jeder Janotti Junior (2003) destaca a não ingenuidade de olharmos para esses territórios simbólicos de partilha como resultados de práticas homogêneas. Por mais que tenhamos elementos, eu diria, hegemônicos, que impulsionam certa identidade coletiva, o compartilhamento não exclui processos de diferenciação nas várias publicações/comentários de teor político declarado que contrapõem às regras oficiais. O autor argumenta que “os espaços das comunidades, dessa forma, também operam cerceamentos, opressões simbólicas e codificações. São eles que permitem o reconhecimento entre os pares, mas que indicam o outro, o ‘estranho’ como ‘indesejado” (JANOTTI JUNIOR, 2003, s.p.). Se alguns(mas) integrantes do LDRV se mantêm no grupo na investitura rebelde de suas fissuras, como textos curriculares que assombram a normatividade e a neutralidade política que dá margem às forças que marginalizam e silenciam, outros(as) acabam se incomodando em ser este “outro indesejado” que fere uma identidade coletiva no grupo, preferindo se retirarem, como vemos a seguir:

Figura 3 – Comentários no LDRV.



Fonte: Print do Facebook (2021).

As reflexões feitas até aqui sinalizam para o movimento de produção subjetiva destes(as) jovens que partilham de significados em torno de uma identidade coletiva no LDRV. Em uma comunidade de sentidos, percebo reiteradas doses de tentativa de homogeneização por meio da

estética de imagens e textos sob a vontade pedagógica de sinalização de um “comum”, ainda que desterritorializado. Como trouxe nos últimos parágrafos, mesmo debaixo desta partilha, há rupturas provocativas, rebeldes, que, paradoxalmente, compõem a identidade dos(as) jovens do LDRV. Ao mesmo tempo em que se cercam de significantes comuns no estabelecimento da comunicação virtualizada, também adotam posturas de enfrentamento e de problematização das regras, práticas culturalmente atribuídas à juventude. Se entendemos que “a juventude não é mais que uma palavra, uma categoria construída, mas as categorias são produtivas, fazem coisas, são simultaneamente produtos do acordo social e produtoras do mundo” (REGUILLO, 2003, p. 106), faz sentido olharmos para as narrativas em questão como substrato das subjetividades, desenhando modos de vida. No próximo ponto, abordarei a temática de gênero e sexualidade sobre o viés deste *currículo-tour*, na tentativa de contribuir para os debates da juventude que giram em torno da produção narrativa como instrumento pedagógico (e produtivo) dos sujeitos.

Narrando gênero(s) e sexualidade(s) em meio a um *currículo-tour*

Antes de mais nada, procuro desenvolver estas reflexões por meio das teorias pós-críticas de currículo, estas cuja preocupação está em “[...] expor o tipo de sujeito e de subjetividades que as diferentes práticas educativas formam, modificam, educam, fabricam, fixam, divulgam” (PARAÍSO, 2004, p. 293). Utilizando-se de uma composição criativa entre campos teóricos como o pós-estruturalismo, os estudos culturais, a decolonialidade, a teoria *queer*, entre outros, as pesquisas pós-críticas em currículo abrem-se para a invenção de possibilidades e aberturas de frestas no rígido solo da pedagogia, distanciando-se de prescrições e de qualquer vontade salvacionista. Entendo que ao elaborar um mapa com algumas narrativas dos(as) usuários(as) do LDRV, mapa este “conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente, [que] pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30), estou materializando a ilustração de um *currículo-tour*, espalhado por todos os lados em suas (des)aprendizagens constituidoras de subjetividades.

Livremente inspirado nos chamados “estudos turísticos” (NOGUERO, 2008; ALLIS, 2014), compreendo *currículo-tour* como o processo de autoformação que se dá em meio às histórias de vida dos sujeitos que ao narrarem suas experiências – lançando mão dos mais variados suportes de expressão – (res)significam o vivido em visitas ao passado, em giros temporais afetados por situações do presente. Uma turnê (*tour*) que pode acontecer de forma célere, como uma pequena fresta que se abre na porta de memória, em narrativas pontuais ou “excursionistas”, como também em viagens mais longas, “turísticas”, cujo mergulho dá-se como a materialização de narrativa detalhada, conectada a vários pontos. Refletindo sobre os fundamentos do turismo, Thiago Allis (2014, p. 28), argumenta que “para o entendimento do conceito basilar, convencionalmente associam-se às noções de viajante (*traveller*) e visitante (*visitor*), reverberando definições de turista (*over-night visitor*) e excursionista (*sameday visitor*)”. Em outras palavras, guardadas as discussões em torno dos binarismos que servem às estatísticas dos órgãos oficiais do Turismo, podemos definir grosseiramente “viajante” ou “turista” como aquele(a) que saindo de sua cidade de residência, passa mais de uma noite fora desta por motivos culturais, de lazer, esportistas, científicos, etc. Já o excursionista, é um visitante “que não pernoita em um meio de hospedagem coletivo ou privado no país ou lugar visitado” (NOGUERO, 2008, p. 03).

Assim, em lembranças rápidas narradas diante de acontecimentos efêmeros ou como um “deslocamento longo e estruturado” (ALLIS, 2014, p. 29), argumento que as redes sociais tornam-se um suporte importante na extensão do *currículo-tour* ao abrigarem rememorações do vivido, ao “sentimento de congruência experimentado entre o eu-próprio e o passado recomposto, a impressão de conveniência que essa história toma *para mim* no aqui e agora de sua enunciação” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 362, grifo do autor).

Um currículo-discurso que “ao corporificar narrativas particulares sobre o indivíduo e a sociedade, constitui-nos como sujeitos – e sujeitos também muito particulares” (SILVA, 2012), estando envolvido em um “processo de constituição e de posicionamento” (SILVA, 2012). Nos posicionamos no mundo em meio às nomeações e classificações elaboradas pelo sistema de representação em disputa. Falamos, olhamos, sentimos e expressamos os afetamentos sociais por meio da linguagem, do sistema codificado culturalmente e que nos fornece os subsídios para a produtiva reflexão do estar/ser no mundo. O currículo, portanto, “autoriza ou desautoriza, legitima ou deslegitima, inclui ou exclui”, argumenta Tomaz Tadeu da Silva (2012, p. 190), “e nesse processo somos produzidos como sujeitos muito particulares, como sujeitos posicionados ao longo desses múltiplos eixos de autoridade, legitimidade, divisão, representação”. Ao evidenciarem o caráter produtivo da linguagem, logo, da representação no currículo, as narrativas a respeito de sujeitos de gênero e de sexualidade não se tornam tão transparentes como se imagina, mas destacam certos efeitos de verdade em disputa linguística e que ganham corpo nos jogos sociais de enunciação disparados nos mais diferentes artefatos culturais que cotidianamente nos interpelam e dizem a respeito de cada um(a) de nós.

Ao olhar para as manifestações contemporâneas da comunicação, como no caso dos grupos do Facebook, nessas se “[...] apresentam e circulam conteúdos e formas culturais que compõem a vida cotidiana de diferentes juventudes, interferindo diretamente na produção de narrativas de si e na percepção das alteridades” (ROCHA, 2010, p. 03). Para traçar algumas pontes com a produção de discursos de gênero e de sexualidade entre os(as) jovens do LDRV, trago alguns enxertos a seguir que sinalizam para a subjetivação coletiva que se materializa no grupo, substrato para a (des)formação em um currículo cultural ampliado.

Figura 4 – Post 1: Masculinidade tóxica.



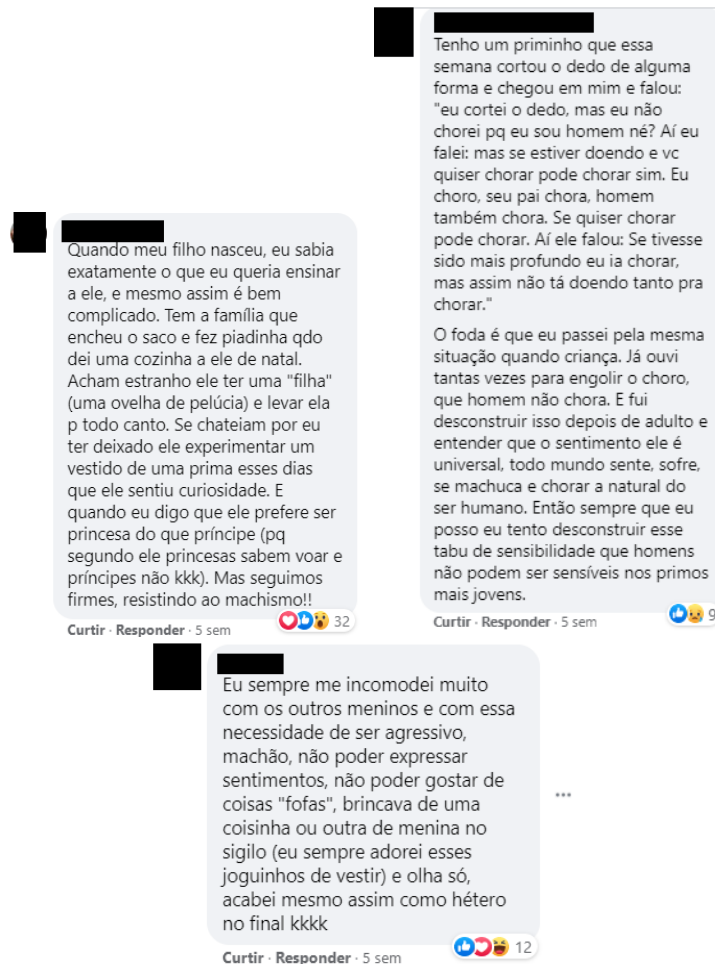
Fonte: Print do Facebook (2021).

Na Figura 4, temos uma publicação do dia 23 de dezembro de 2020. Um usuário traz um relato sobre uma amiga e seu marido, cuja relação discriminatória a respeito de masculinidades não hegemônicas⁹ contribuiu para a ojeriza do filho do casal aos filtros de maquiagem disponibilizado no Instagram. O jovem termina o *post* dizendo: “Então, mães, não basta vocês não terem preconceito. Cuidado para não construir ele em seus filhos, porque o preconceito muitas vezes é velado”. Como um alerta prescritivo às pessoas do grupo, percebo uma prática recorrente no LDRV: publicações que buscam desconstruir práticas discriminatórias, em especial, ligadas às identidades de gênero e sexuais, como está explícito na descrição inicial do grupo. No âmbito da

9 Para Connell e Messerschmidt (2013, p. 263), “a masculinidade hegemônica não necessita ser o padrão comum na vida diária de meninos e homens. Em vez disso, a hegemonia trabalha em parte através da produção de exemplos de masculinidade (como as tarefas dos esportes profissionais), símbolos que têm autoridade, apesar do fato de a maioria dos homens e meninos não viver de acordo com eles”.

cultura, de forma explícita ou implícita, há uma disputa reiterada em torno dos modos corretos de ser homem e/ou de ser mulher que são naturalizados em meios aos discursos propagados nas mídias, pois “as identidades sociais e culturais são políticas”, argumenta Louro (2001, p. 16), “[e] as formas como elas se representam ou são representadas, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder”. Em resposta a esta publicação, alguns(as) usuários(as) trouxeram suas experiências:

Figura 5 – Comentários do post 1.



Fonte: Print do Facebook (2021).

Nos relatos da Figura 5 podemos ver como os processos midiáticos se dão no LDRV em meio às narrativas, produzindo encontros potentes para a subjetivação coletiva e o delineamento de si pela linguagem. Experiências narradas são (res)significações do vivido, do percebido, do afeto atravessado no corpo. Quando escrito, este texto fruto da experiência “aumenta a densidade do existir, [e] a história se compõe assim como um diálogo entre as diversas vozes que nos habitam” (MADDALENA, 2020, p. 207). São potentes as reflexões de Tania Lucía Maddalena (2020) ao propor o conceito de “hiperescrita de si”, buscando dar conta das especificidades da escrita digitalizada em ambientes virtuais, prática recorrente especialmente entre os(as) mais jovens, cuja atmosfera interativa e aberta em ferramentas de expressão dão novas tonalidades às reflexões foucaultianas a respeito da escrita de si entre os gregos (FOUCAULT, 2004). Para a autora,

Entendemos por *hiperescritas* as práticas culturais de escrita na hipermídia, sempre dando prioridade a um tipo de escrita digital que possui como base a contação de histórias, sejam histórias de vida, experiências, ficções ou invenções. Para nós, as *hiperescritasdesi* estão

fundadas no hipertexto, fazem uso dele e o incorporam combinando com outros elementos digitais para narrar o cotidiano e a própria vivência experiencial pessoal de habitar e aprender no/com o mundo. (MADDALENA, 2020, p. 211).

As hiperescritas de si no LDRV evidenciam a (re)organização de outros elementos no jogo responsivo-dialógico das narrativas, pois destas podem emergir diferentes maneiras de inter-cruzamento com outras narrativas dos(as) usuários(as), manifestas não apenas por outros textos, mas também por reações aos comentários, figurinhas e/ou memes, práticas culturais cotidianas especialmente entre os(as) jovens internautas. No primeiro quadro da Figura 5 temos um embate discursivo de Emma¹⁰, uma jovem mãe, em torno da criação do seu filho. Por mais que a criança seja cobrada a aderir à representação masculina hegemônica, fruto de reiterações discursivas materializadas sob uma vontade de naturalização (BUTLER, 2018), percebe-se que esta, em toda a sua ficção, vaza por todos os lados, pois se gênero “[...] pode dividir, normalizar e hierarquizar, também pode abrir brechas, acolher as diferenças e multiplicar possibilidades de ‘vidas vivíveis’” (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 13). Ao liberar uma nova palavra de ordem, “seguimos firmes, resistindo ao machismo”, Emma interpela outros(as) membros do grupo que reagem a sua narrativa, sendo motivados a persistirem em suas lutas pessoais em um grande território curricular,

[...] onde múltiplas linhas se espalham rizomáticas na expansão dos desejos e da vida [...] que podem causar novidades nas multiplicidades que não se limitam aos corpos físicos encarcerados, mas que rompem como uma aurora belíssima de esperança. (SILVA JUNIOR, 2020, p. 115).

No segundo quadro temos o depoimento de Alan-Pierre sensibilizado pela experiência do seu primo mais novo. Deste encontro emotivo, surge a lembrança das suas próprias vivências enquanto garoto que precisava se enquadrar no protótipo de masculinidade hegemônica desejado, já que gênero “são os processos por meio dos quais nos tornamos homens e mulheres em meio às relações de poder”, argumenta Marlucy Paraíso (2018, p. 24). Ainda segundo a autora, “nos constituímos como homens e mulheres, portanto, de modo relacional, provisório e por meio de uma parafernália de investimentos sobre nossos corpos, sobre nossas subjetividades, sobre nossas vidas”. Na formatação de uma identidade masculina são excluídos os elementos de expressão da sensibilidade natural ao ser que vive, pois se estas identidades se produzem de forma relacional, as características culturalmente atribuídas às mulheres (doçura, sensibilidade, passividade, delicadeza, etc.) são imediatamente banidas do repertório de gestos, movimentos e atributos possíveis a um ‘verdadeiro’ homem. Ao reconstruir sua experiência em forma de narrativa, Alan-Pierre busca “articular o que está dividido, juntar e dar sentido a elementos e eventos interníveis de trajetos erráticos, caóticos” (PINEAU, 2006, p. 334). Os turbilhões advindos da opressão que Alan-Pierre vivenciava na pele quando era criança puderam ser transformados em matéria de conforto para seu primo, impossibilitado até então da experiência do desembocar sensível.

Para Rose Melo Rocha *et al.* (2020, p. 93), “o consumo audiovisual midiaticizado da rede discursiva (e performativa) articulada por expressões artísticas de gênero mobiliza uma economia de afetos que pode produzir fissuras e novos polos de agregação social”. Trazendo para o nosso contexto, compreendo que uma rede de afetos sensíveis e potentes na mobilização subjetiva do coletivo jovem que se reúne no LDRV tem a capacidade de utilizar das ferramentas tecnológicas para ampliar histórias de vida que servem de consolo, esperança, sementes de ânimo, alegrias entre aquelas pessoas cotidianamente alvos de opressão, como a maioria do público do LDRV: mulheres e pessoas LGBTQI+.

10 Os nomes são fictícios para preservarem a identidade dos(as) internautas.

No último depoimento, apesar de destacar uma atitude finalística na composição de sua identidade sexual (“acabei mesmo assim como hétero no final kkkk”), o que destoa do repertório teórico que assumo que demarca as provisoriiedades dos jogos identitários, percebo na fala de Jonas uma possibilidade de homens heterossexuais se relacionarem com a sua experiência e transporem os discursos que encarceram os seus modos de vida. No sigilo, Jonas podia vivenciar todas as brincadeiras culturalmente atribuídas às meninas, como os “joguinhos de vestir”, e mesmo assim continuaria se identificando com a heterossexualidade. Percebo aí a ilustração da pluralização das masculinidades que, embora ainda sejam tratadas de forma hierárquica, conjugam-se a diferentes posicionamentos generificados e sexualizados no mundo. Ainda que Jonas conclua o depoimento com uma ênfase finalística de sua heterossexualidade, concordo com Christine Delory-Momberger (2006, p. 362) ao dizer que a narrativa da vida “não é jamais, ‘de uma vez por todas’. Ela se reconstrói a cada uma de suas enunciações e reconstrói juntamente com ela, o sentido da história que anuncia”. Assim, é no momento de enunciação que os sujeitos criam a si mesmos em uma ficção temporária, mas que se soma às reiterações costumeiras tanto da ordem do experiencial vivido individualmente, como também das conexões de sentidos estabelecidas na coletividade.

Encerrando a *tour*...

A argumentação que procurei desenvolver nesse texto é de que as culturas juvenis têm assumido diferentes suportes de enunciação aproveitando-se da multiplicidade tecnológica dos aparatos comunicacionais para a composição de suas subjetividades, sempre em interação com o coletivo, em profundos jogos de intersubjetividade. Utilizando-me do maior subgrupo do LDRV no Facebook, “New Dimension – Maracujá ERA”, destaquei que o mesmo opera como uma comunidade de sentidos, na perspectiva apresentada por Janotti Junior (2003), ao estabelecer a partilha de significados, mesmo que estes não sejam harmoniosos, evidenciando os jogos de disputa característicos das relações de poder presentes na produção cultural. Um território simbólico “que possibilita a manifestação de sentidos, presentes na produção discursiva das culturas midiáticas” (JANOTTI JUNIOR, 2003, s.p.). Vemos no LDRV brincadeiras, memes, expressões características, terminologias e toda uma estética em comum, alvos de constantes (re)apropriações, inclusive, para além dos espaços virtuais.

Além de, ou até mesmo por ser uma, comunidade de sentido, o LDRV também se apresenta como um “lugar de aprendizagem” (ELLSWORTH, 2005) onde percebo um *currículo-tour*, um conjunto de narrativas cujo acontecimento experienciado, seja correspondendo ao ‘vivido’ ou ao ‘ficcionalizado’, ao ser publicizado nos comentários e publicações do grupo estendem uma rede de afetos potentes na produção de subjetividades de generificadas e sexualizadas. Por meio da hiperescrita de si (MADDALENA, 2020), os(as) membros(as) do LDRV lançam mão de uma série de recursos da hipertextualidade para a produção de si mesmos em um jogo sempre inacabado. Em visitas rápidas ao passado, como “narradores-excursionistas”, ou por meio de narrativas construídas e elaboradas com maior profundidade, como “narradores-turistas”, celebram-se as histórias de vida como substrato de autoformação e atravessamento mútuo na proliferação de sentidos e descobertas, visto que assumo, em diálogo com Maknamara (2016, p. 506), que “[...] as palavras, a existência, o vivido, a experiência, é constituída por aquilo que dela se diz”.

Referências

- ALLIS, Thiago. Viajantes, visitantes, turistas... Em busca de conceitos em um mundo urbano. *Caderno Virtual de Turismo*, Edição Especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo, Rio de Janeiro, v. 14, p. 23-38, nov. 2014. Supl. 1.
- BRITTO, Rovilson Robbi. *Cibercultura: Sob o olhar dos Estudos Culturais*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CALIXTO, Douglas de Oliveira. Memes na internet: entrelaçamentos entre a “zoeira” de estudantes e a apropriação do gênero discursivo na escola. *Periferia*, Duque de Caxias, v. 11, n. 2, p. 131-152, maio/ago. 2019.
- CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. Vontade de Pedagogia: pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. *Cadernos de Educação*, Pelotas, n. 44, p. 22-44, jan./abr. 2013.
- CAMOZZATO, Viviane Castro. Aprender por intermédio de discursos e imagens corporais: tensões contemporâneas. *Momento: diálogos em educação*, Rio Grande, v. 26, n. 2, p. 7-24, jan./jun. 2017.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHIMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.
- COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Na confluência entre educação e comunicação, as pedagogias contemporâneas. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 843-862, 2015.
- COUTO, Edvaldo de Souza. Educação e redes sociais digitais: privacidade, intimidade inventada e incitação à visibilidade. *Em Aberto*, Brasília, DF, v. 28, n. 94, p. 51-61, jul./dez. 2015.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v.1.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago. 2006.
- ELLSWORTH, Elizabeth. *Places of learning: media, architecture, pedagogy*. New York: Routledge, 2005.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. A recepção dos Estudos Culturais na comunicação: a especificidade brasileira. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.). *Cultura, poder e educação: um debate sobre Estudos Culturais em Educação*. 2. ed. Canoas: Ed. ULBRA, 2011. p. 81-92.
- FÉLIX, Jeane; OLIVEIRA, Mariana. A educação não escolar como potencializadora de processos (trans)formativos de jovens universitários/as. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 9, n. 3, p. 83-95, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos V: Ética, sexualidade e política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FUNDAÇÃO TELEFÔNICA. *Juventudes e conexões*. 3. ed. São Paulo: Fundação Telefônica VIVO, 2019. Disponível em: <http://fundacaotelefonicavivo.org.br/wp-content/uploads/pdfs/juventudes-e-conexoes-3edicao-completa.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2021.
- GODOI, Rodrigo Duarte Bueno de; ROSA, Ana Paula da. Entre a farofa e a tour do cofre: imaginário e as lógicas de mediação. *Revista Dispositiva*, Belo Horizonte, v. 8, n. 14, p. 137-152, ago./dez. 2019.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.
- JANOTTI JUNIOR, Jeder. Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003. Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: INTERCOM, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 07-34.
- MADDALENA, Tania Lucía. A hiperescrita de si: memória, experiência e invenção digital na formação de professores. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 60, p. 203-217, jan./mar. 2020.
- MAKNAMARA, Marlécio. Tornando-me um professor de Biologia: memórias de vivências escolares. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 21, n. 2, p. 495-522, maio/ago. 2016.
- MAKNAMARA, Marlécio. Quando artefatos culturais fazem-se currículos e produzem sujeitos. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 1, p. 04-18, maio/ago. 2020.

- MORO, Gláucio Henrique Matsushita. Emoticons, emojis e ícones como modelo de comunicação: relações culturais e tecnológicas. *Revista de Estudos da Comunicação*, Curitiba, v. 17, n. 43, p. 51-65, set./dez. 2016.
- NOGUERO, Félix Tomillo. *El concepto de Turismo según la OMT*. [S. l.: s. n.], 2008. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B3U_J0MMF4Q_T0ZkM0R2ODNkRFE/view. Acesso em: 31 jan. 2021.
- PARAÍSO, Marlucy. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago. 2004.
- PARAÍSO, Marlucy; CALDEIRA, Maria Carolina da. Apresentação. In: PARAÍSO, Marlucy; CALDEIRA, Maria Carolina da (org.). *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 13-21.
- PARAÍSO, Marlucy. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do slogan “ideologia de gênero”. In: PARAÍSO, Marlucy; CALDEIRA, Maria Carolina da (org.). *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 23-52.
- PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio/ago. 2006.
- REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: um campo de estudio; breve agenda para la discusión. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 103-118, maio/ago. 2003.
- REGUILLO, Rossana. Navegaciones errantes. De músicas, jóvenes y redes: de Facebook a Youtube y viceversa. *Nueva época*, Bogotá, n. 18, p. 135-171, jul./dez. 2012.
- ROCHA, Rose de Melo. Cenários e práticas comunicacionais emergentes na América Latina: reflexões sobre culturas juvenis, mídia e consumo. *RuMores*, São Paulo, v. 4, n. 8, 2010.
- ROCHA, Rose de Melo et al. Comunicação e estudos de gênero: políticas de audiovisibilidade e narrativas midiáticas. *Revistas Fronteiras: estudos midiáticos*, São Leopoldo, v. 22, n. 2, p. 91-102, maio/ago. 2020.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 185-202.
- SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. Por um devir-saxofonista: aprendendo a viver (com) afectos em tempos de pandemia. *Áskesis*, São Carlos, v. 9, p. 108-117, dez. 2020. Edição especial.
- SOUSA, Brisa Pozzi de; SILVA, Flávio Pacheco da. Linguagem natural no Twitter e linguagem documentária em Tesouros: da hashtag #NãoMereçoSerEstuprada ao descritor estupro. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 20-43, set. 2015/fev. 2016.
- TOMAZ, Reginaldo. Como o LDRV perdeu seu caráter comunitário e se tornou um “câncer na sociedade”. *IG*, São Paulo, 05 jun. 2018. Disponível em: <https://gente.ig.com.br/cultura/2018-07-05/ldrv-cancer-sociedade.html>. Acesso em: 30 jan. 2021.

Data de submissão: 31/01/2021

Data de aceite: 06/02/2021